

NINGUÉM DISSE QUE SERIA FÁCIL

VALERIO ARCARY

NINGUÉM DISSE QUE SERIA FÁCIL



© Boitempo, 2022

Direção-geral Ivana Jinkings
Edição e preparação Paulo Henrique Pompermaier
Coordenação de produção Livia Campos
Assistência editorial João Cândido Maia
Revisão Luiza Brandino
Diagramação Antonio Kehl
Capa Maikon Nery

Equipe de apoio Camila Nakazone, Elaine Ramos, Erica Imolene, Frank de Oliveira, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Meucci, Ivam Oliveira, Kim Doria, Lígia Colares, Luciana Capelli, Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marissol Robles, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Thais Rimkus, Tulio Candiorto, Uva Costruiba

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A698n

Arcary, Valerio

Ninguém disse que seria fácil / Valerio Arcary. - 1. ed. - São Paulo :
Boitempo, 2022..

ISBN 978-65-5717-167-7

1. Comunismo - Brasil. 2. Militância socialista. I. Título.

22-78253

CDD: 335.4

CDU: 330.85

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: junho de 2022

BOITEMPO
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br
boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

SUMÁRIO

Prefácio – “Nosotros” precisamos conversar sobre a militância, por Mauro Iasi	9
Apresentação	17
A amizade	23
A confiança	28
O trabalho de base	32
O programa.....	35
As polêmicas.....	39
O maniqueísmo	43
O sofrimento	47
O sacrifício.....	50
A religiosidade	52
As finanças	55
O trabalho em equipe.....	58
A marginalidade	62
A renovação das lideranças.....	65
A segurança	69
O fracionalismo	72
O cancelamento ou escracho	75

A saúde mental.....	77
O embrutecimento	80
O anti-intelectualismo.....	83
A desmoralização	86
A paciência	88
Os profissionais	91
A quarentena.....	95
O carreirismo eleitoral.....	98
A direção	102
O autoconhecimento.....	106
O impressionismo	108
O compromisso.....	111
O caudilhismo.....	114
A solidariedade	117
Teorias da conspiração.....	119
O voo solo e a atuação em redes sociais	123
A individualidade	126
O envelhecimento	130
O estilo de vida	133
A parceria amorosa	136
A oratória	138
A credulidade e a paranoia.....	142
Análise de conjuntura.....	145
O oportunismo	148
Arte e método	151
O ultraesquerdismo	155
Sobre o autor.....	159

PREFÁCIO

“NOSOTROS” PRECISAMOS CONVERSAR SOBRE A MILITÂNCIA

Em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana.

Karl Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos*

Nós, militantes socialistas e revolucionários, precisamos conversar sobre muitas coisas. Precisamos entender nossa formação social, a dinâmica da luta de classes, o caráter e os limites das formas políticas e estabelecer com rigor nossas estratégias e táticas. Mas por que temos que fazer tudo isso?

Qualquer militante apressadamente responderia: para mudar o mundo, iniciar a transição socialista, impedir que os reformistas liderem para sempre. Sim, mas insistimos, por quê?

Marx, em seus manuscritos econômicos e filosóficos de 1844, afirma de maneira meio enigmática que “o comunismo é a figura necessária e o princípio enérgico do futuro próximo, mas o comunismo não é, como tal, o termo do desenvolvimento humano – a figura da sociedade humana”¹. Primeiro porque a história humana não tem ela própria uma intencionalidade além daquela construída historicamente pelas ações dos seres humanos. Mas, principalmente, para sairmos da armadilha criada por nós: uma sociedade que nos nega, nos coisifica e nos submete ao poder das coisas.

O objetivo maior é construir uma sociabilidade capaz de nos emancipar do domínio das coisas criadas por nós, para sermos verdadeiramente humanos. Diz Marx, mais adiante no mesmo texto, que, se supormos que somos seres

¹ Karl Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (trad. Jesus Ranieri, São Paulo, Boitempo, 2004), p. 114.

humanos e que nossa relação com o mundo é humana, então “tu só podes trocar amor por amor, confiança por confiança”². Assim como alguém que deseja saborear uma obra de arte precisa se educar artisticamente, continua o autor, “se queres exercer influência sobre outros seres humanos, tu tens de ser um ser humano que atue efetivamente sobre os outros de modo estimulante e encorajador”, e conclui:

Se tu amas sem despertar amor recíproco, isto é, se teu amar, enquanto amar, não produz o amor recíproco, se mediante tua *externação de vida* (*Lebenäusserung*) como homem amante não te tornas *homem amado*, então teu amor é impotente, é uma infelicidade.³

Por vezes, a dureza da luta de classes e as características gerais de nossa sociedade parecem contaminar nossa militância e podem transformá-la em um ato técnico, uma mera atividade na divisão social do trabalho, que se aliena, como tudo neste mundo; um esforço degradante no seio do qual o outro é um problema, uma força estranha que nos oprime. Não podemos evitar que essa alienação se manifeste, pois não basta nossa simples vontade para suspender suas determinações, mas temos o dever, como comunistas, de estar atentos para que não sejamos sugados por ela e acabemos reproduzindo na militância as formas que queremos negar na sociedade. Somos, diversas vezes, muito rígidos, arrogantes, presunçosos e cruéis. Pregamos uma fraternidade universal para o futuro, mas nos empenhamos em uma guerra sem quartel contra tudo e todos, o que gera a sensação de que não precisamos de ninguém.

Nossa tradição comunista, que é a esperança do mundo, que escreveu páginas de heroísmos e vitórias, exemplos de abnegação e entrega, também é repleta de polêmicas duras, confrontos, expurgos e rachas, acusações e traições. Os indivíduos envolvidos na militância, por vezes, quebram, enlouquecem, desistem.

Esse é um grande problema e um sofrimento para os revolucionários. Uma vez que nossa consciência se expressa como negação da alienação, a frase de Marx que nos serve de epígrafe se apresenta invertida para nós. Como procuramos não nos alienar da vida genérica, não podemos nos alienar dos outros,

² Ibidem, p. 161.

³ Idem.

de maneira que cada um deles e seu destino é também o nosso. Somos nós e somos simultaneamente os outros. Nossos camaradas que falam espanhol resolveram essa unidade na diversidade de maneira incrível: *nosotros*.

Talvez um dia entendamos o que gritou Maiakóvski quando, em seu poema “Nuvem de calças”, afirmou que “eu para mim é pouco, algo se empenha em sair de mim como um louco”, ou Atahualpa Yupanqui quando canta “*y así seguimos andando/ curtidos de soledad,/ y en nosotros nuestros muertos/ pa, que nadie quede atrás*”.

Avançamos muito a compreensão das determinações objetivas na teia do ser social que constituímos e que nos constitui, mas nem sempre damos a devida atenção ao problema da subjetividade. Por isso este livro de Valerio Arcary parece-me tão importante. Precisamos conversar sobre a militância, a sensação de isolamento que se segue a uma derrota, o fracionalismo, o embrutecimento, a saúde mental, os valores que nos guiam, os preconceitos, o anti-intelectualismo. Precisamos conversar sobre nós e os outros, os adversários e os inimigos, a classe idealizada e as pessoas reais que compõem nossa classe.

Com a mesma maestria que trata de temas relativos à revolução brasileira e às questões de nosso tempo, o autor nos oferece, por meio de textos curtos e diretos, reflexões sobre nossa militância e a dimensão subjetiva de nossa luta e de nossos camaradas. Os textos são uma enorme expressão de generosidade, de partilha da experiência, de entrega e lucidez. Conheço há muito tempo Valerio Arcary e já pude presenciar inúmeras vezes como se apresenta nos debates convicto, implacável, irônico e, em muitos casos, um pouco cruel. Muitas vezes discordamos, algumas a respeito de tópicos essenciais, mas nossas críticas nunca foram *ad hominem*, isto é, sempre procuramos dialogar sem que as críticas fossem dirigidas à pessoa, mas aos argumentos, embora nem sempre consigamos separar um e outro, porque pensamos o que falamos e, principalmente, fazemos o que pensamos.

Certa vez, em 1920, Lênin falava aos bolcheviques sobre o que considerava equivocado na compreensão dos camaradas quanto à relação entre o Estado proletário e os sindicatos, e criticou duramente um texto que Bukharin havia escrito para a discussão do tema no Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, afirmando: “camarada Bukharin, menos floreios verbais; será melhor para você, para a teoria e para a República”. Um pouco mais adiante (trata-se da transcrição de uma fala de Lênin), o dirigente

bolchevique ironiza o estilo de Bukharin, que ora se refere à democracia, ora à direção unipessoal e ora à ditadura, concluindo que “não devemos nunca renunciar à ditadura”. Neste momento, Bukharin intervém e grita: “e está completamente exato”. Todos, incluindo Lênin, riem e aplaudem e a reunião segue. Gosto deste episódio por dois motivos fundamentais. Primeiro que se trata de um debate acalorado entre camaradas, que contestam, discordam, atravessam comentários e riem, o que humaniza sobremaneira aquilo que poderia parecer uma árida contenta. Segundo que nos faz refletir sobre o que é em si mesmo certo ou errado, uma vez que, considerando historicamente o tema do debate, pelo menos ao meu juízo, o grande Lênin estava errado em sua defesa da gestão de um homem só contra a tese do controle operário defendida por Aleksandra Kollontai e a oposição operária.

Em 1938, Bukharin será julgado e condenado nos famigerados processos de Moscou, acusado de ser um “fascista degenerado”, “direitista e trotskista”, de defender a volta ao capitalismo e de ter conspirado para matar Lênin, Stálin e envenenar Maksim Górkí – confissão arrancada sob tortura e ameaças à esposa e ao filho, “corrigida” pessoalmente por Stálin.

Esse exemplo extremo da eliminação física dos oponentes sob o stalinismo nos faz refletir até que ponto pode ir a disputa entre camaradas, se são aceitáveis a desqualificação, a mentira e a anulação. Não há luta verdadeiramente revolucionária sem adesão a valores revolucionários, que não podem ser mercadorias de ocasião ou trajes para dias festivos, mas o pão e o vinho cotidianos daqueles que almejam ser e construir um ser humano emancipado.

Costumo terminar minhas falas com um poema; já Valerio gosta de terminá-las com uma anedota. Uma vez contou que um militante se encontrava à beira do abismo com duas pessoas à sua frente. Um era seu antigo companheiro da organização em que militava e com a qual rompeu; o outro, seu principal inimigo de classe. Indagado sobre quem empurraria primeiro, o militante responde sem pestanejar: o inimigo de classe, porque primeiro vem a obrigação, depois o prazer. Creio que seja contra essa dura verdade que Valerio escreve suas reflexões sobre a militância.

Os textos sobre a militância, agora reunidos em livro, são como mensagens lançadas ao mar em garrafas. Como tal, podem ser lidas mesmo por aqueles para quem não foram escritas originalmente. Interessam aos militantes de nossa classe, esses seres maravilhosos, imperfeitos e complexos,

que se entregam à tarefa de mudar o mundo e lutam, amam, sofrem, brigam, erram, piram e transpiram no calor da luta de classes. Interessam a todos nós... Os outros.

*Por más que quise bendecirme
y más purificarme,
yo era carne,
yo era yo.*

*Lo que con amor hacía una mano
lo rompía con otra el desamor.
Yo no creo que haya sido en vano,
pero pudo ser mucho mejor.*

*Hacia el porvenir partieron sombras.
Cuando no alcance, sólo podré alertar.
Si alguien me oye allí, no se olvide pues
de iluminar*

Silvio Rodriguez

Mauro Luis Iasi

Ilhabela, setembro de 2020